



Audio/voz: uma ferramenta online como recurso para a oralidade do cibercordel¹

Maria Gislene Carvalho Fonseca²

Maria Herbênya Nayara P. Alves³

Andréa Pinheiro Paiva Cavalcante⁴

Resumo

Esse artigo dedica-se à análise dos conteúdos de áudio presente nas páginas do site “Compadre Lemos Pontocom”. Os materiais empíricos disponíveis na página são capazes de substituir, ou, pelo menos, representar a oralidade que é a marca maior da poesia em cordel? O propósito é discutir a incorporação dos cordéis pelos meios digitais e compreender como esses meios atuam na manutenção da tradição ou se, pelo contrário, comprometem a originalidade da poesia popular. Buscamos compreender ainda a importância dos recursos técnicos oferecidos pela Internet para a veiculação de cordéis ainda que estes venham a perder algumas de suas propriedades no momento que são incorporados pelo meio digital.

Palavras-chave: Internet; literatura; cordel; oralidade.

Introdução:

A literatura de cordel é uma manifestação cultural nordestina que tem uma concepção original de criação coletiva, pois une o poeta/cantador e o leitor/ouvinte. O cordel representa a versão impressa da poesia popular. Nesse formato, a poesia é transportada com maior facilidade e se torna capaz de propagar ainda mais um causo.

Assim, os cordéis se configuram como uma forma de expressão popular, onde o cordelista é o representante, o porta-voz do povo. É quem interpreta os acontecimentos, conta a vida de personagens ilustres, analisa as notícias, faz crítica social, divulga idéias...

¹ Trabalho apresentado no IJ 08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Aluna do 6º semestre de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Federal do Ceará. E-mail: mgisacarvalho@gmail.com

³ Aluna do 6º semestre de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na Universidade Federal do Ceará. E-mail: herbenya@yahoo.com

⁴ Orientadora do trabalho e Professora da UFC. E-mail: andrea@virtual.ufc.br



Com o advento da Internet, a cultura popular começa a ser incorporada por essa (multi)mídia e, mais especificamente, os cordéis são difundidos e reproduzidos, usando um termo frankfurtiano⁵, em massa. Deixam de ser um elemento da cultura popular para a cultura de massa, devido à sua reprodutibilidade. Mas essa discussão não será levada a diante neste trabalho. Aqui, buscamos compreender a importância dos recursos técnicos oferecidos pela Internet para a manutenção das características originais dos cordéis, ainda que estes venham a perder algumas de suas propriedades ao serem incorporados pelo meio digital.

Neste trabalho serão observados os conteúdos de áudio presente nas páginas “Compadre Lemos Pontocom”⁶ durante o período de 08 a 14 de novembro. A atualização do site não é freqüente e durante a semana de observação não foi realizada nenhuma postagem de áudio novo. Observaremos se esses áudios são capazes de substituir, ou, pelo menos, representar a oralidade, marca maior da poesia em cordel. Iremos discutir a incorporação dos cordéis pelos meios digitais e se esses meios permitem a manutenção da tradição ou se, pelo contrário, destroem suas propriedades, fazendo-os perderem o encanto e a magia inicial.

Os cordéis:

O Nordeste, assim como outras regiões do Brasil, possui imagens de pessoas que se tornaram conhecidas através dos estereótipos concebidos pela mídia. São nordestinos magros, pequenos, amarelos, frágeis devido aos fenômenos da seca que destroem suas estruturas física e emocional. São cangaceiros, violentos por terem suas famílias destruídas pela ganância dos coronéis. São também fanáticos religiosos, romeiros que pagam promessas torturantes...

É nesse contexto que surgem os cordelistas, contando a história sofrida de sua realidade. No lugar da lamentação, a poesia que conta histórias sertanejas com humor e cantoria. Os cordéis fazem parte das manifestações populares do Nordeste que representam, no entanto, apenas a parte impressa, dividindo com o repente a função de propagar a voz poética do povo nordestino.

O nome “cordel” vem da Península Ibérica, onde os folhetos eram expostos pendurados em cordas. O cordel nordestino, porém, diferencia-se dos cordéis ibéricos

⁵ Frankfurtianos: grupo de estudiosos que criam o conceito de Indústria Cultural. -A Indústria Cultural refere-se à produção em massa de um determinado bem simbólico e/ou cultural.

⁶ <http://www.compadrelemos.com/>



na forma da poesia: estrofes com melodias e ritmo. A poesia de cordel imita a oralidade. O folheto literário seria um registro impresso da poesia recitada pelos poetas populares, que memorizam as estrofes e as dizem em rodas de cantoria. A voz é a via primeira do cordel.

Outra diferença vem estampada nas capas dos folhetos: xilogravuras. Arte tradicional do Nordeste, as xilogravuras são ilustrações feitas por figuras gravadas em madeira. E como diz Barreto: “a xilogravura é uma arte milenar / Desenho em madeira / Que serve pra embelezar ambientes, painéis / E as capas dos cordéis da cultura popular.” (2008).

No Nordeste brasileiro, esse tipo de literatura se desenvolveu e apresenta como grande vantagem a criação e impressão, feitas pelo próprio povo. A produção popular é construída como o autor a decide, sem amarras, sem vínculos empresariais, como os que norteiam as linhas editoriais das publicações de massa.

Nos cordéis, percebemos que as relações sociais possuem ideias de reflexo, por exemplo, pois eles nos trazem, ainda que de um modo caricato, a realidade dos sertanejos: homens e mulheres reais que habitam em nosso imaginário. Sua linguagem é sucinta e direta. A forma poética como se apresentam facilita a leitura e a compreensão daqueles que, talvez, não compreendessem a linguagem erudita.

“Cordel é um jeito de olhar o mundo, com a inocência dos tempos antigos, a sabedoria das camadas populares e uma sensibilidade e riqueza de detalhes. É improvisado e emoção. É disciplina e sedução. O prazer de ouvir e ler. A possibilidade de viajar na imaginação e compor um mundo sem as exigências de uma racionalidade e ao sabor da poética da voz.” (Gilmar de Carvalho).

O Nordeste do sertão – seu espaço geográfico e sua cultura –, em contraponto ao Nordeste das grandes cidades, e na tentativa de manter tradições seculares para conservar sua posição social como um lugar da memória, precisou de um esforço para a elaboração de uma memória social. E o conjunto de folhetos literários popular aparece para contribuir com essa criação, como uma arte, um tipo de texto que vem dar realidade e presença a uma tradição de pensamento.

Os costumes são os pontos de interseção entre pessoas de uma mesma cultura. Facilitam a identidade regional, a perpetuação de costumes, hábitos, concepções e conceitos e são capazes de contribuir para a invenção de tradições. Os cordéis possuem em suas páginas uma produção artística que incorpora valores e colaboram na difusão das imagens e representações que criam a noção de Nordeste, fornecem uma visão tradicionalista, presente na maioria das produções artísticas da região.



A literatura de cordel traz temas que interessam ao povo, e, por isso, refere-se a assuntos e pessoas que estão no seu cotidiano. A composição dos cordéis, baseada no cotidiano, traz para perto quem o produz de quem o lê e ambos são aproximados dos sentimentos presentes nos personagens. É isso que realmente prende a atenção de quem lê um cordel.

Além da comicidade, a vida real, mesmo quando caricata ou estereotipada, faz-se presente. Os temas da literatura de cordel são noticiários, lendas e mitos. E os responsáveis por transformá-los em textos fáceis de serem compreendidos são os poetas. Padre. Cícero, Lampião, Seu Lunga; inflação, eleições, seca. Personagens e temas que estão sempre presentes nos livretos e que fazem parte do imaginário local e são lembrados nas situações mais diversas do dia-a-dia.

Fincado na cultura popular, o cordel interpreta, pois, o cotidiano. Feito para ser lido em voz alta, o cordel é interpretado. Assim, a poesia que relata aspectos da realidade (re)construindo-os é também ressignificada quando a palavra do cordel vira cantoria, expressada pelo ritmo de um corpo inteiro a se manifestar.

A oralidade

De acordo com os manuais de radiojornalismo, quando contamos somente com a audição, precisamos formar imagens em nossas mentes; e, para isso, o som deve suprir essa falta com uma linguagem clara e direta. “Só uma linguagem simples, que seja facilmente entendida e, ao mesmo tempo, rica em variações, conseguirá manter o ouvinte interessado.” (PORCHAT, p. 97, 1993).

De acordo com Zumthor (2000), o desempenho da leitura de uma poesia, altera a estrutura do sentido dela. É esta performance, no momento em que o cordel é recitado, que define sentidos. O autor coloca como elementos importantes para a interpretação de uma poesia os recursos visuais, auditivos e táteis, “sistemizados ou não no contexto cultural” (ZUMTHOR, p. 87, 2000). Para ele o corpo está comprometido com a percepção do texto poético. Tal comprometimento produz um efeito sensorial no ouvinte. Ele consegue sentir a poesia, mais do que conhecê-la.

Na obra em que Zumthor fala da importância do corpo como elemento fundamental para a compreensão de uma poesia, ele coloca que a percepção precisa da presença, da troca de olhares e gestos. “Toda poesia atravessa e integra mais ou menos imperfeitamente a cadeia epistemológica sensação – percepção – conhecimento – domínio do mundo”(2000).



Zumthor possui seis teses sobre a voz. A primeira diz que a *Vox* é um lugar simbólico por excelência. Já a segunda diz que a voz estabelece uma relação de alteridade que cria a palavra do sujeito. A terceira diz que todo objeto adquire dimensão simbólica quando é vocalizado. A quarta tese, no entanto, defende que a voz é uma ruptura do corpo, que ela é capaz de rompê-lo. A quinta tese diz que a voz não é espetáculo. Enquanto que a última fala da exigência de um ouvinte que preste atenção para que a voz possa ser considerada emitida.

Os cordéis são uma interseção entre a oralidade e a escrita, ou mais, seriam uma mescla entre ambas. Por representar a parte escrita da poesia popular, o cordel é um instrumento que serve para perpetuar o conteúdo folclórico que é dito, recitado nas rodas de conversa no Sertão. Ele é o apoio impresso que é dado à voz dos cantadores e poetas.

Prender a atenção do ouvinte é muito complicado, mas para os cordelistas, quando recitam sua poesia, isso não parece assim tão difícil. Eles fazem uso de diversos artifícios para prender a atenção de seus ouvintes. Tais subterfúgios vão desde o acompanhamento com a viola até as variações de volume, ênfases, ritmo, a cantoria de forma geral. Essa dificuldade de concentração acontece, pois, de acordo com Baitello Júnior (1997), o som está perdendo o valor diante das imagens.

A literatura de cordel possui uma concepção original de criação que é a coletividade representada pelo poeta-cantador e pelo leitor-ouvinte. “A palavra é metade de quem a pronuncia e metade de quem a ouve.” (Montaigne). Ela possui grande diversidade de assuntos e apresenta a realidade para aqueles que não são ou estão tão familiarizados com a leitura e a escrita. O cordelista é, portanto, “a voz do silêncio” (Kunz, 2001). Os poetas recorrem a temas do imaginário popular e fazem uso da utopia, do mito, do milagre; personagens verdadeiros ou fictícios, santos, cangaceiros, vaqueiros... Pessoas comuns a cruzar fronteiras imperceptíveis entre real e imaginário.

Kunz, ao afirmar que a letra do cordel é antes de tudo a voz, que sua transmissão passa pela voz, pela performance que requer a presença física, mostra que as duas formas se complementam:

Sabe-se que embora impresso e veiculado pelo folheto, o cordel é uma forma de literatura oral feita expressamente para ser recitada. A rima do cordel é feita para o ouvido e a memória, não para os olhos. Ela é antes de tudo mnemônica e comunicativa. O folheto é apenas o suporte material de uma poesia que permanece oral. (KUNZ, p. 79/80, 2001)



“O cordel é a cantoria de viola.” (CARVALHO, p.287, 2002). O cordel e a cantoria possuem a mesma essência: a voz. A poesia do cordel é feita para ser lida, recitada. “A voz é essencial. A voz é tudo. A voz é sempre.” (CARVALHO, p. 41, 2009). A voz é a “semente inaugural de toda comunicação”, (MATOS, p. 35, 2009). Ela é o elemento mais importante do verso de cordel e é a partir dela que os laços sociais se fortalecem nas rodas de leitura, de cantoria. Graças à voz que dá à poesia o tom fantástico, o suspense necessário ao caso.

A voz, de acordo com Zumthor, implica em ouvido. A primeira está ligada a nós com um sentimento de sociabilidade. Precisa-se que alguém esteja ouvindo. Ela está igualmente ligada ao gesto e precisa do corpo para melhor se expressar.

Os cordéis na Internet

É hora, então de seguir/ Com a minha narrativa./ Que me perdoe
Patativa,/ Se poeta eu quero ser./ Mas um assunto importante/ Me traz
aqui, nesse instante,/ Preciso, pois, escrever.
Pois o leitor há de ver/ Que o mundo está diferente:/ Nos tempos de
antigamente/ O recurso era minguado./ A tal Tecnologia,/ Que tanto
nos auxilia,/ Não tinha ainda chegado.
E o poeta, coitado,/ Penava, sem compaixão!/ Escrevia, com emoção,/
Fazia verso e rompante,/ Mas tudo o que escrevia/ Numa gaveta jazia,/
Sem nunca seguir adiante.
Seu verso, naquele instante/ Só os amigos que liam./ Se gostavam, só
diziam
"Devia ser publicado!"/ E ficava no "devia"/ Pois recurso não havia/
Que lhe desse resultado.
Na Internet ele lança,/ Seus versos, correndo a terra./ Divulgando,
desde a serra,/ Onde mora, às capitais./ Sua poesia correndo/ O
mundo, e ele vendo/ Os resultados finais.
Empecilhos não há mais,/ Como tinha antigamente:/ Para se comprar,
urgente,/ Um folheto de Cordel,/ Tinha que ir lá na feira,/ Ter a sorte
verdadeira/ De achar o Menestrel.
Pois hoje, é sopa no mel,/ Basta entrar na Internet/ E fazer uma
enquete/ Buscando o nome da obra,/ Da Editora predileta,/ Ou o nome
do poeta,/ Que poesia tem de sobra! (Compadre Lemos)

Quando o cordel, assim como outras mídias, incorporado pela Internet não sofre desvalorização “hierárquica”, como defende Wolton (2003), a escolha das mídias depende da preferência do leitor. Ele pode preferir o folheto impresso ou a poesia digitalizada no computador.

Na Internet, temos a possibilidade de mesclar diversas mídias e, portanto, trata-se de uma multimídia. Com o advento da informática, as informações passam a ser



digitalizadas, ou seja, transformadas em código binário⁷, e é essa digitalização que facilita a cópia e a transferência de arquivos, sem que haja perda de qualidade. Por exemplo, um DVD pode ser gravado diversas vezes e apresentará a mesma qualidade, enquanto uma fita K7, caso seja copiada mais de duas vezes, começa a perder qualidade de vídeo e som.

Uma diferença considerável entre informações digitalizadas e analógicas é a velocidade que se tem na busca de conteúdo, além de ocuparem um espaço físico bastante reduzido. Hoje em dia, é possível armazenar um grande volume de canções e discos em um simples MP3 Player, milhares de pastas de arquivos podem ser armazenadas em um *pendrive*, sem falar nos emails que possuem cada vez mais espaço sem ocupar espaço físico nenhum.

Nesse contexto de espaço físico e espaço virtual, surge a discussão sobre as relações interpessoais realizadas no meio virtual. A Internet tenta quebrar barreiras importas pela distancia física. Para Lévy (1999), a Internet estimula um relacionamento que independe dos lugares geográficos. Mas esta discussão será retomada mais adiante, quando for levantada a questão sobre a cantoria da poesia popular na Internet.

Quando incorporados pela Internet, os cordéis adquirem característica de hipertexto, e passam a ser reconhecidos pelo nome de “cibercordel” que é uma forma de cordel que incorpora as mídias oferecidas pela web. Além de estar no ciberespaço, é um hipertexto que utiliza os recursos da web, como animações, podcasts, links, comércio on-line, etc.

Ele permite que haja uma interatividade entre autor e leitor. Permuta essa que é virtual. Nos sites, por exemplo, permitem-se os comentários dos leitores e há, ainda, nos sites de relacionamento, fóruns onde os usuários criam as poesias juntos. Tanto nos sites como nos fóruns, a produção é coletiva, pois, nos sites os autores postam suas poesias e a partir dos comentários dos usuários, identificam as áreas de interesse, críticas e elogios. Nos fóruns, a construção é coletiva, mesmo. Cada autor chega e posta uma estrofe, um verso, dependendo da proposta inicial.

Mas o cordel que é postado na Internet mantém marcas dos cordéis tradicionais. Os versos possuem as mesmas estruturas de sextilha, septilha, versos alexandrinos, etc. A proximidade com o oral é mantida.

⁷ O sistema binário é um tipo de codificação que transforma todo e qualquer tipo de informação nos números 0 e 1. O sistema permite compactar e armazenar informações. Sistema usado para digitalizar informação.



Uma vantagem que é mencionada por muitos para a presença do cordel na Internet é a economia de papel, que está ficando cada vez mais caro. Com o advento dessa tecnologia é possível que sejam feitas encomendas de cordéis, não sendo mais necessário que folhetos não impressos não sejam vendidos.

Os áudios do site Compadre Lemos Pontocom

Como já foi mostrado, a Internet oferece diversos recursos para o cordel online, ou cibercordel. Essas ferramentas tentam suprir a falta das relações que se estabelecem quando se é lido um cordel em uma feira, por exemplo.

Um recurso recorrente em sites de cordéis é o do áudio. O som, digitalizado,⁸ é um dos recursos virtuais que será explorado pelos cordelistas. Sabendo que a oralidade é um aspecto fundamental da literatura de cordel, os sites perderiam muito, e perdem os que não tem, em essência se não usassem esse recurso. A forma como se apresentam os cordéis na internet, ainda que a estrutura da poesia seja a mesma de imitar a fala, não permitem o transporte e a leitura coletiva.

Ainda sobre os áudios, eles tentam suprir a falta da leitura coletiva dos cordéis. No site Compadre Lemos Pontocom, há um link para áudios. Nestes links encontramos áudios de contos, músicas regionais, piadas e poemas. Na sessão de poemas, é onde encontramos os cordéis recitados. Há, por exemplo, poemas de Patativa do Assaré, como o “Cante lá que eu canto cá”, “Gravador”, dentre outros.

“Gravador” é um poema que mostra a insatisfação de Patativa com a presença do aparelho. A gravação de um poema cantado por Patativa não o agrada. Sua poesia não era escrita, era oral, e dita de improviso. Um poema dito não deveria ser repetido. A presença do gravador tira essa essência de “única apresentação”.

As poesias que se encontram em formato de áudio na página de Compadre Lemos não são da autoria dele próprio. São, na realidade, quatro poemas de Patativa do Assaré, um de Jussê Quirino, quatro de Rolando Boldrin, um de G. Carreiro e dois de Onildo Barbosa. Nesta página, os áudios foram copiados de CDs dos poetas.

Os recitais de Rolando Boldrin, estão mais ligados a uma leitura que à marca da oralidade. Ele não apresenta as marcas da oralidade, principalmente porque sua poesia não obedece à métrica dos cordéis. Mas essa será discussão para outro trabalho, devido o espaço e o tempo para a produção do artigo.

⁸ Um som pode ser digitalizado a partir de uma amostragem com medidas regulares, codificadas por um número que descreve o sinal sonoro no momento da medida.



A cantoria presente no site deixa a desejar no que se refere à mágica transmitida pelos cordéis. Durante as cantorias ao vivo se pode sentir a poesia pela troca de olhares com o cantador, pela interpretação que ele faz, pelos movimentos de seu corpo, por tudo que uma história contada em forma de poesia é capaz de representar.

Abaixo apresenta-se um quadro referente aos áudios que se enquadram na categoria “Poesia Recitada” do site “Compare Lemos Pontocom” com o número de audições que cada uma obteve desde o dia de sua postagem até o dia 14 de novembro de 2009:

Título	Categoria	Audições até 14/11/09
Vou-me Embora Pro Passado - Jessier Quirino	Poesia Recitada	2428
Dor Gravada / Cante Lá... Patativa do Assaré	Poesia Recitada	779
PATATIVA - 85 ANOS - Patativa do Assaré	Poesia Recitada	1089
Cabocla de Minha Terra - Patativa do Assaré	Poesia Recitada	996
Algumas de Patativa - Patativa do Assaré	Poesia Recitada	781
Esmola Pra São José - Rolando Boldrin	Poesia Recitada	765
A Frô do Maracujá - Rolando Boldrin	Poesia Recitada	462
O Sem Rumo - Rolando Boldrin	Poesia Recitada	633
A Resposta de Jeca Tatu - Rolando Boldrin	Poesia Recitada	1045
Meu Pedaco de Chão - (G. Carreiro e C. Rosado)	Poesia Recitada	272
Desabafo de Caboclo - Onildo Barbosa	Poesia Recitada	320
É Crime Não Saber Ler -	Poesia Recitada	458



O “vivo”, o contato físico, a vivência é imprescindível nessa situação. O intermédio de um gravador impede que sintamos profundamente o que quer nos dizer o poeta. Impede a interação. E na Internet é ainda mais solitário e mais distante de um recital, de uma cantoria ou de um repente. O contato é quase nulo. A única forma em que ele ainda pode aparecer é por meio de um comentário postado nos blogs, mas ainda esses comentários não são tão expressivos quanto uma calorosa salva de palmas.

O poema que foi gravado pode, a partir de então, ser transportado no tempo e no espaço. Pode ser reproduzido. E pode ser digitalizado. Depois de digitalizado ele entra na Internet, de onde é espalhado. É indicado a outras pessoas, mas ainda não atinge a sociabilidade de uma cantoria realizada em uma feira, em um fim de tarde na praça. Quem lê um cordel pela Internet ou escuta uma cantoria pela caixa de som do computador o faz sozinho.

Alguém pode preferir ler um cordel na Internet, enquanto faz um trabalho ou conversa no MSN ⁹, mas ele certamente não estará interagindo. Uma cantoria gravada não permite que o ouvinte mostre seu contentamento com palmas e sorrisos. Se ele não estiver gostando, ele irá pausar e mudar de faixa ou, ainda, sair da página. Durante uma cantoria ao vivo, principalmente sendo ela de improviso, o chamado repente, caso o ouvinte dê mostras de que não está se agradando do tema ou do andamento do repente, o poeta dará um jeito de agradá-lo, para que esse ouvinte não vá embora. Já na Internet, isso é impossível.

Além do mais, a cantoria não é somente voz, ela é também corpo, interpretação. Há uma forma de olhar, uma postura, uma força que se coloca em uma cantoria para que o ouvinte possa escutar com clareza. Até a iluminação do local onde se recita interfere. A luz amarelada do interior é um elemento que é fundamental no encanto do cordel. Essa luz faz parte do imaginário criado em torno do cenário poético dos cordéis.

A voz tem uma energia coletiva:

(...)A tecnologia interferiu nas condições de produção e recepção, sobretudo na sua dimensão coletiva. Uma poesia oral midiaticizada perde algo de si, a percepção visual, a proximidade do gesto, a sensualidade da presença. Há uma defasagem, um deslocamento do

9 Programa de comunicação virtual instantânea da Microsoft.



ato comunicativo oral. A vocalidade¹⁰ na mídia pode ser reiterável e os sistemas de registros abolem as referências espaciais da voz viva. Abole seu caráter efêmero, sua taticidade. No caso do áudio, um aparelho toma o lugar do intérprete. O ouvinte o relaciona a um ser humano existente em algum lugar. (GOLIN, p. 263, 2005)

E a criação de gravadores que permitem reproduzir e eternizar algo que já tenha sido dito e que se perderia no vento, ajuda no distanciamento das relações interpessoais. As pessoas não precisam mais se deslocar, ou prestar atenção sem deixar que seu pensamento se desvie em algum momento, pois ele poderá, em sua casa, ou em qualquer lugar, re-escutar aquilo que não foi claro. Talvez por isso não se encontre mais feiras em que haja cantorias, a não ser em eventos como exposições, etc.

Ouvir as poesias pela Internet, assim como colocar um CD, é uma atividade solitária. E a solidão não é nem será jamais o resultado a que se propõe a literatura de cordel.

Considerações Finais:

No cordel tradicional, impresso, a produção é individual e a leitura coletiva. No cibercordel acontece o inverso, a produção é coletiva e a leitura é individual. O cordel invade a Internet e absorve inúmeros recursos que a multimídia oferece.

A oralidade, tão marcante na literatura popular, tenta ser substituída nas páginas por meio dos links de áudio. Esses links são postagens de cantorias gravadas em CDs.

Os áudios nas páginas da Internet aparecem como a única forma de expressão oral nos sites de cordéis. Ainda que os textos sejam parecidos com os textos dos impressos, no que se refere à estrutura poética que imita a oralidade, não se costuma carregar computadores para rodas de cantoria para que os textos sejam lidos e cantados. As reproduções sonoras são os únicos recursos que podem ser associados à oralidade, propriamente dita, nos sites.

A poesia precisa, além da voz, do corpo, que associado às expressões corporais, fazem parte da voz. A invasão da Internet pelos cordéis solicita um recurso que possa referenciar o oral. O meio encontrado para isso foram as gravações, os recursos de áudio. Tais recursos, devido o limite causado pela distância entre os usuários (solidão interativa), fazem com que o recurso não seja suficiente para substituir, nem mesmo para representar a característica oral da poesia de cordel.

¹⁰ Termo usado por Zumthor para se referir à oralidade.



A comunicação virtual, o fato de a Internet conseguir acrescentar diversas mídias a um mesmo assunto, conteúdo multimídia, não garante que haverá uma melhor comunicação e interatividade. Nesse caso, não consegue nem se aproximar do que seria uma cantoria, uma leitura de um cordel impresso. Até mesmo quando há um áudio em um desses sites, ele vem com o poema transcrito, então a informação que é transmitida é a mesma e nada é acrescentado. A leitura e a audição são solitárias, o que gera uma grande perda dos cordéis virtuais.

Bibliografia:

BAITELLO JR., Norval. **A cultura do ouvir**. Disponível em <http://www.radioeducativo.org.br/800/..%5Cartigos%5Couvir.pdf>. Acessado em 14 de novembro de 2009.

CARVALHO, Gilmar de. **Cordel, cordão, coração**. Revista do GELNE (UFC), v. 4, p. 285-292, 2002

_____. **Voz, letra e Nordeste**. Nordeste VinteUm, Fortaleza, p. 40 - 41, 01 jul. 2009

_____. **Patativa em Sol Maior: treze ensaios sobre o Poeta Pássaro**. Fortaleza: Edições UFC, 2009

CASTELLS, Manoel. **A Galaxia da Internet: reflexão sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

DINIZ, Madson Góis. **Do folheto de cordel para o cordel virtual: Interfaces hipertextuais da cultura popular**. Disponível em <http://www.ufpe.br/nehete/revista/artigo11-madson-gois.pdf>. Acessado no dia 14 de novembro de 2009

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (organizadores) **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

KUNZ, Martine. **Cordel: a voz do verso**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2001

LÈVY, Pièrre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999

LYCARIÃO, Diógenes. **Ciber-cordel: uma expressão contemporânea da dinâmica da literatura Popular em verso**. Disponível em <http://www.prex.ufc.br/regiocom/gt8.htm>. Acessado em 15 de setembro de 2009.



MATOS, Edilene. **Voz poética: o canto de Patativa do Assaré.** In CARVALHO, Gilmar de. **Patativa em Sol Maior: treze ensaios sobre o Poeta Pássaro.** Fortaleza: Edições UFC, 2009

MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio, textos e contextos, volume1.** Florianópolis: Insular, 2005.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de Radiojornalismo da Jovem Pan.** São Paulo: Brasiliense, 1993

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias.** Porto Alegre: Sulina, 2003

ZUMTHOR, Paul. O empenho do corpo. In: _____. Performance, recepção e leitura. São Paulo: Educ, 2000.